

## Apresentação do dossiê “Luto e língua”

Lucília Maria Abrahão e Sousa (FFCLRP/USP)

Lauro Baldini (IEL/UNICAMP)

O presente dossiê da *Fragmentum* parte da constatação de que as experiências de perda que atravessam nosso tempo não se reduzem a exercícios individuais ou íntimos de elaborações de ausências ou desaparecimentos; na verdade, tais experiências se estruturam também como fenômenos históricos, políticos e, sobretudo, discursivos, porque é só na linguagem que algo pode ser perdido, reencontrado ou inscrito em sua falta. A pandemia de covid-19, ao interditar tanto os ritos de despedida quanto os cuidados fúnebres, impôs à sociedade contemporânea uma forma muito particular de relação com a morte que se pautou pelo silêncio e pelo isolamento. Além disso, havia algo de inaudito no volume de mortes diárias – no início de abril de 2021 atingimos mais de 4.000 falecimentos em um único dia. No entanto, no contexto brasileiro, esse “novo” se encontra com uma história longa de violências naturalizadas, de desigualdades e de indiferença diante do sofrimento alheio. Enquanto escrevemos essa apresentação, 119 pessoas foram mortas numa operação policial no Rio de Janeiro, e esse mesmo número é, para alguns comentaristas, a indicação de que a operação foi um sucesso. As ressonâncias do luto pandêmico, portanto, ao mesmo tempo que instauram uma ruptura, revelam uma continuidade: a repetição de uma cena em que a morte coletiva se torna, uma vez mais, elemento banal do cotidiano e é atravessada por questões de classe, raça e gênero.

A emergência do bolsonarismo e a radicalização dos discursos de ódio e de negacionismo agravaram esse processo. O desamparo e a indiferença, sob a forma de política de Estado, produziram efeitos devastadores sobre as formas de laço social e sobre os modos de elaboração de perdas. O luto, desautorizado socialmente e simbolicamente afetado pelas condições da pandemia, encontrou poucos espaços para inscrição pública e socializada, dentre os quais os memoriais virtuais merecem ser assinalados por sua importância. A banalização das mortes, amplificada pelo modo indiferente e mesmo cruel com que o Governo Federal gerenciou a necropolítica brasileira, revelou o quanto dizer de uma perda é algo sobredeterminado, atravessado por ideologias, disputas de sentido e efeitos contraditórios.

Em escala global, hoje o cenário não é menos contundente. As guerras na Ucrânia e em

Gaza, a guerra civil no Sudão, e os massacres de civis e o extermínio de populações inteiras em outras regiões do planeta reafirmam a permanência de uma lógica colonial que faz do outro um corpo sempre em vias de ser profanado ou abandonado à própria sorte. O mortífero, longe de se restringir a um acontecimento localizado, mostra-se como operador de sentido na contemporaneidade, exigindo da teoria e da crítica um trabalho que não se limite à constatação da catástrofe, mas que procure compreender seus efeitos discursivos e subjetivos e nos ajude a formular modos de dizer da perda que tenham efeitos políticos e subjetivos de elaboração e de inscrição de uma falta no campo coletivo.

É nesse contexto que esta edição propõe aproximar Análise de Discurso e Psicanálise para pensar o trabalho do luto. Desde Freud, sabemos que o luto implica um trabalho simbólico de elaboração que se realiza na e pela linguagem. Lacan, ao reinscrever a teoria freudiana na dimensão do significante, mostrou que o sujeito só pode elaborar a perda na medida em que ela se inscreve no campo do Outro. Já Michel Pêcheux, articulando as noções de simbólico, imaginário e real à materialidade ideológica do discurso, nos leva a compreender que há um modo de colocar em relação língua e ideologia que tem que levar em conta as contradições políticas que se materializam nos discursos.

Assim, “Luto e língua” buscou acolher textos que interroguem os modos de dizer da morte, dos deslocamentos de sentido que configuram a experiência do luto e das tentativas de reparação simbólica que emergem na arte, na política e na memória. As contribuições reunidas neste número percorrem diferentes formas de abordagem: reflexões teóricas sobre o lugar do significante no trabalho do luto; análises discursivas sobre narrativas de perda e resistência; estudos de práticas artísticas e testemunhais que reinscrevem a dor no espaço público e textos que exploram as dimensões históricas da elaboração da ausência.

O conjunto dos trabalhos aqui reunidos permitem perceber que o luto é também um trabalho de e na língua: uma travessia que só se realiza na medida em que os sujeitos podem dizer, repetir, tropeçar e, talvez, reinventar o sentido da perda. Pensar o luto, nesse sentido, é também pensar a linguagem como espaço desamparo, mas também de reinscrições e de invenção.

Ao reunir essas reflexões, reafirmamos nosso compromisso com o diálogo entre Psicanálise e Análise de Discurso, entendendo que ambas oferecem chaves de leitura potentes para interrogar o presente e seus modos de subjetivação. Esperamos que esta edição da revista possa abrir espaços de interpretação através de suas análises que permitam movimentos de escuta, de elaboração e de identificação, e que o trabalho de luto que as escritas buscam tornar visível aponte para momentos da relação entre língua e ideologia que aponta para gestos de resistência, de memória e de vida.

*Os Organizadores*